



Associação Nacional de Política e Administração da Educação
Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Asa Norte, Brasília, DF 70904-970

Jubileu de Ouro da Anpae (1961-2011)

**Oração comemorativa do professor
Benno Sander, Presidente da Anpae
São Paulo, 26 de abril de 2011**

O Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação de 2011 tem, sem dúvida, um significado histórico particularmente relevante. Nele celebramos o Jubileu de Ouro da Associação Nacional de Política e Administração da Educação, primeira associação especializada de educadores brasileiros dedicados ao estudo e à prática da gestão da educação e da mais antiga associação de administradores educacionais da América Latina.

O aniversário, como a palavra sugere, é uma celebração anual. Alguns aniversários, no entanto, tem um significado especial. É o caso do quinquagésimo aniversário da Anpae. Para alguns colegas da nova geração anpaeana talvez seja a primeira celebração de aniversário da Associação. Para outros, a segunda ou a terceira. A todos e todas as colegas, no entanto, damos as melhores boas vindas à celebração do nosso Jubileu de Ouro.

Pessoalmente, tenho boas recordações de 1981, quando nos reunimos na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para celebrar o vigésimo aniversário de fundação da Anpae. Foi naquela celebração, que me tocou presidir, que aprovamos a proposta inicial de criação da Revista Brasileira de Administração da Educação. O primeiro número da Revista se lançaria no primeiro semestre de 1983, após aprovação da proposta final pelo Conselho Deliberativo, por delegação da Assembléia Geral.

Vinte anos depois, em abril de 2001, voltaríamos à Faculdade de Educação da USP para celebrar o quadragésimo aniversário de fundação da Anpae, em sessão solene presidida pela então presidente Rinalva Cassiano Silva que, à época, cunhou a feliz expressão "a Anpae somos todos nós". Atendendo convite da professora Rinalva, vim de Boston, onde então me encontrava na Universidade de Harvard, para proferir a conferência comemorativa do aniversário.

Hoje, voltamos novamente a São Paulo, desta vez a convite de Lisete Regina Gomes Arelaro e seus colegas da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, para celebrarmos o Jubileu de Ouro da Anpae, no Centro Universitário Maria Antônia da USP, que generosamente nos acolhe. Acolhe-nos neste pequeno Salão Nobre, mas de grande significado histórico que, no dia 11 de fevereiro de 1961, foi berço do nascimento da Anpae.

Queremos agradecer a Lisete Arelaro, diretora da Faculdade de Educação da USP, a João Gualberto de Carvalho Meneses, Afrânio Mendes Catani e a Romualdo Portela de Oliveira pela organização desta sessão. Da mesma forma, queremos agradecer, de maneira muito especial, ao

professor Moacyr Novaes e aos seus dedicados colaboradores por nos acolherem hoje neste centro cultural da Universidade de São Paulo, para comemorarmos o nosso aniversário de fundação.

Considero que hoje é dia propício para múltiplas leituras e releituras da história da Anpae e de sua contribuição à formação do pensamento pedagógico e administrativo brasileiro. Minha leitura, em grande parte uma leitura de leituras anteriores, visa a recordar o passado para analisar o presente e preparar a torcida organizada para continuarmos a caminhada. Retomando minhas leituras de 1981 e 2001, diria que a recordação do passado leva-nos a valorizar e homenagear nossos mestres fundadores. Leva-nos a reconstruir o histórico exercício de seus direitos e sua visão política para organizar uma associação de educadores dedicados ao estudo, à docência e à prática da política e da administração da educação no Brasil.

É neste sentido que hoje celebramos a liderança, a inteligência e o espírito público de Anísio Teixeira e Antônio Pithon Pinto da Bahia; de José Querino Ribeiro, Carlos Corrêa Mascaro, Moisés Brejón, João Gualberto de Carvalho Menezes, José Augusto Dias, Lady Lina Traldy, Myrtes Alonso, Maria Aparecida Bortoletto e muitos outros anpaeanos pioneiros de São Paulo; de Paulo de Almeida Campos do Rio de Janeiro e Lauro Esmanhoto do Paraná; do Irmão Faustino João e do Padre Theobaldo Frantz do Rio Grande do Sul; de Lirêda Facó e José Newton Alves de Souza do Ceará; de Maria Antonieta Bianchi de Minas Gerais e Merval Jurema de Pernambuco; de Antônio Gomes Moreira Júnior do Pará; e de todos os fundadores da Anpae e de seus seguidores nos anos seguintes.

“Quem sabe faz a hora” era o canto da resistência cidadã de Geraldo Vandré, na segunda metade da década de 1960, e de toda uma geração que hoje está completando ou já completou o seu jubileu de brilhante. Assim como nossos mestres de então souberam fazer a hora para escrever o capítulo da fundação da Anpae na véspera da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, assim somos hoje convidados a reler a narrativa anpaeana e a tomar a história na mão para escrever um novo capítulo.

Minha primeira reflexão vai neste sentido

Cada um de nós constrói sua história anpaeana. Todos juntos, ao longo de cinco décadas, construímos a história coletiva da Anpae. Todos somos, portanto, autores de pleno direito desta história. Os mestres pioneiros tiveram a coragem e o espírito público de escrever o capítulo fundacional em 1961. Alguns de nós seguiram a trajetória da Associação nos seus primeiros anos de vida. Outros se incorporaram ao longo das décadas. Os mais jovens se incorporam hoje.

Confesso que, na minha juventude, não conheci o movimento que conduziu ao estabelecimento da Anpae. Era então estudante de letras e literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Niterói, que mais tarde se incorporaria à Universidade Federal Fluminense. Lecionava longas horas durante de dia no Instituto Abel de Niterói e estudava à noite. Em 1962, quando cursava o quarto ano da Faculdade de Letras, então de conteúdo pedagógico, fui aluno de Paulo de Almeida Campos, professor titular de administração escolar e educação comparada da UFF, e mestre de toda uma geração de especialistas fluminenses e cariocas de administração educacional.

Terminado meu curso de licenciatura em letras passei dez anos nos Estados Unidos, primeiro como estudante de doutorado em administração educacional e depois como professor universitário e

consultor internacional em educação da Organização dos Estados Americanos, em diferentes países das Américas.

A partir de 1971, voltei a manter contato mais estreito com Paulo de Almeida Campos, então presidente da Anpae. Naquele ano, Paulo Campos organizou em Niterói, com o concurso de Fátima Cunha Ferreira Pinto, também sua discipula na UFF, o V Simpósio Brasileiro de Administração Escolar. Preocupados com a incorporação dos diretores de escola e outros dirigentes educacionais à Anpae, os participantes da Assembléia Geral de 1971 votaram a primeira mudança de nome da Associação, que passou a denominar-se Associação Nacional de **Profissionais** (em vez de Professores) de Administração Escolar.

Foi Paulo Campos que, nessa época, me introduziu ao quadro social da Anpae. Em 1975, eu voltaria ao Brasil, depois de 10 anos de ausência, para radicar-me na Capital Federal, como Representante da OEA junto ao governo brasileiro e professor da Universidade de Brasília. Naquele ano, a Anpae me convidou para fazer a conferência inaugural do VII Simpósio Brasileiro de Administração Escolar, em Belo Horizonte. Foi nessa ocasião que Paulo Campos me apresentou a Carlos Corrêa Mascaro, então presidente da ANPAE, a Querino Ribeiro, Antonio Pithon Pinto, João Gualberto de Carvalho Meneses e outros protagonistas brasileiros da administração escolar, que eu somente conhecia de referência bibliográfica.

No ano seguinte, por ocasião do VIII Simpósio Brasileiro de Administração Escolar, realizado junto com a XXVII Reunião Anual da SBPC, na Universidade de Brasília, Carlos Corrêa Mascaro, Paulo de Almeida Campos, Antonio Pithon Pinto e José Querino Ribeiro patrocinaram minha candidatura para presidente da Anpae. Eleito, recebi o cargo de Carlos Corrêa Mascaro, como consta em ata redigida e assinada por João Gualberto de Carvalho Meneses, então secretário geral da Anpae. A partir daí, a Anpae entrou na minha vida para nunca mais sair. Ou melhor, eu entrei na vida da Anpae e continuo nela até hoje.

Uma decisão significativa do Simpósio Brasileiro de 1976 em Brasília foi a aprovação de uma nova modificação de nome para a Anpae, que passou a denominar-se Associação Nacional de Profissionais de Administração **Educacional** (em vez de Escolar). Alguns poderiam perguntar: por que se trataria de uma decisão significativa? Argumento que foi significativa porque o nome carrega valores e significados. Ou seja, a mudança de nome é, na realidade, resultado da própria mudança do pensamento pedagógico dos associados da época.

Tenho certeza que cada um de meus colegas presidentes que me sucederam – Maria Beatriz Moreira Luce, Maria Clélia Botelho, Lauro Carlos Wittmann, Regina Vinhaes Gracindo, Rinalva Cassiano Silva e Fátima Cunha Ferreira Pinto, que hoje estamos aqui reunidos, tem igualmente uma rica história anpaeana, assim como tem cada colega associado. Por isso, sei que Lisete Arelaro franqueará a palavra aos dirigentes, ex-dirigentes e associados para seus comentários e depoimentos.

Minha segunda reflexão enfoca os desafios que temos pela frente

Além de recordar o passado, considero que a celebração de hoje é ocasião propícia para analisar o presente e preparar o futuro, com base nas lições aprendidas no passado. Neste sentido, a reunião de hoje nos convoca a fazer uma nova reconstrução de nossas crônicas pessoais e da própria trajetória da

Anpae, à luz da conturbada história política e educacional dos últimos cem anos. Iniciamos o século passado com a I Guerra Mundial, quando nasceram as teorias clássicas de administração, preocupadas com a produtividade e a eficiência econômica. Passamos pela Grande Depressão de 1930, quando se desenvolveram as teorias comportamentais, inspiradas nos trabalhos dos psicólogos e sociólogos da conduta humana e dos teóricos da administração comportamental, preocupados com a eficácia das organizações sociais. Depois da II Guerra Mundial floresceu o desenvolvimentismo econômico das teorias do capital humano, do investimento no ser humano, da economia da educação e do planejamento de recursos humanos, que invadiram nossas Faculdades de Educação e de Ciências Sociais e nossos escritórios governamentais, com generosas promessas de crescimento econômico e progresso social.

Foi neste contexto histórico que nasceu a Anpae, em 1961, e a partir de então faria parte da própria história da política e da gestão da educação no Brasil.

A Anpae nasceu três anos depois da reunião fundacional do planejamento educacional, realizada em 1958 na cidade de Washington, sob o patrocínio conjunto da OEA e da UNESCO. Essa reunião internacional realizou-se no auge do movimento desenvolvimentista das ciências sociais, incluindo a educação e sua administração, no período da pós Segunda Guerra Mundial. No entanto, é interessante observar que, no seu início, o conteúdo programático da Anpae não era desenvolvimentista; era mais bem influenciado ainda pelas teorias clássicas e comportamentais de administração importadas da Europa e dos Estados Unidos. Este fato é transparente nas obras de Querino Ribeiro (1938), Carneiro Leão (1939), Anísio Teixeira (1935) e Lourenço Filho (1963), se bem que com orientações diferentes.

No seu conjunto, a avaliação da caminhada da Anpae revela que o trabalho inicial dos mestres fundadores lançou boas sementes em terra fértil para uma trajetória frutífera de 50 anos de vida. São 50 anos marcados por um compromisso com a promoção humana, a inovação pedagógica e a mudança social e educacional. O compromisso se reflete na ação cotidiana de seus associados, nos conteúdos de suas pesquisas e publicações e nos programas de seus simpósios nacionais, congressos internacionais, seminários regionais e encontros estaduais.

Desde a sua fundação, a Anpae vem sendo palco de debates importantes em matéria de política e gestão da educação no Brasil, debates que contribuíram e vem contribuindo para definir a especificidade da gestão da educação como campo de estudo e prática profissional. Os trabalhos do extenso programa do XXV Simpósio Brasileiro e II Congresso Ibero-Americano, que inauguraremos amanhã, são prova irrefutável desta contribuição intelectual, como foram também os trabalhos dos Simpósios de 2007 e 2009, em boa hora revisados nos estados da arte recentemente publicados pela Anpae.

Neste contexto, a literatura do período de transição da década de 1970 para o início de 1980 destacam os debates sobre a administração educacional como ato pedagógico ou ato acadêmico ao invés de ato econômico ou ato empresarial. Da mesma forma, foram particularmente relevantes os debates e as publicações sobre a administração da educação como ato político ao invés de ato organizacional ou burocrático.

Ao longo dos anos, destacam-se os debates sobre o significado e a utilização dos critérios de desempenho administrativo adotados no estudo e na prática da gestão da educação, em particular os critérios de eficiência econômica, eficácia pedagógica, efetividade política e relevância cultural. Da mesma

forma, ao longo de toda a história da Anpae reservamos espaço prioritário para o debate sobre o papel e a formação dos educadores e gestores escolares e sobre a gestão local da educação. Paralelamente, a Anpae tem sido palco permanente para estudos e debates sobre a gestão democrática da educação, em particular sobre a eleição dos diretores de escola e sobre o papel dos conselhos escolares, debates que se acentuaram nas duas últimas décadas. O certo é que é impossível identificar aqui as numerosas contribuições intelectuais e experiências práticas ao longo da caminhada histórica de 50 anos. De qualquer maneira, mais importante que identificar contribuições individuais é avaliar o movimento geral e as conquistas resultantes de um esforço coletivo da Associação e de seus educadores.

Depois dos importantes esforços iniciais da primeira década de vida da Anpae, os debates prioritários em torno da política e da administração da educação se inserem no movimento de resistência intelectual das décadas de 1970 e 1980, em que a consolidação da pós-graduação e a Revista da ANPAE, fundada em 1983, cumpriram um papel sumamente importante. Os primeiros números da Revista da ANPAE revelam um momento de grande efervescência na área. A literatura especializada revela que, ao lado de contribuições tradicionais, os artigos mais influentes dão conta de um deslocamento crescente da discussão teórica para o âmbito conceitual sócio-histórico. Este deslocamento guarda relação com todo o movimento de mudanças paradigmáticas nas ciências sociais e no campo da política e da administração da educação pelo mundo afora.

Este foi, sem dúvida, um momento importante da história da Anpae que se aprofundou no curso da década de 1980 na gestão de Maria Beatriz Luce e depois, na década de 1990, nas gestões de Lauro Carlos Wittmann e Regina Vinhaes Gracindo. Foi nessa ocasião que a Associação introduziu no seu ideário o tema da política educacional e que veio refletir-se no próprio nome da ANPAE, vigente até hoje – Associação Nacional de **Política** e Administração da Educação.

O certo é que hoje a Anpae é uma entidade forte e inserida no movimento intelectual da sociedade civil organizada no campo da educação, ao lado da ANPED, da ANFOPE, do CEDES, do FORUMDIR e outras associações científicas. Qualificamos nossa presença acadêmica, como o revela a produção intelectual publicada na nossa Revista. Temos presença destacada no âmbito nacional e no contexto internacional, como o revelam nossos Simpósios Brasileiros e congressos internacionais, tanto latino-americanos como interamericanos, tanto luso-brasileiros como ibero-americanos. Ou seja, temos muitas conquistas para celebrar no nosso Jubileu de Ouro.

Para minha reflexão conclusiva

Vou retomar um conceito emitido nos aniversários da Anpae em 1981 e em 2001, em que muitos de vocês, da nova geração anpaeana, não estiveram presentes e que considero válido até hoje. É o conceito de que a Anpae é nossa escola, nossa arena política, nosso espaço público de educação continuada. É a escola que freqüentamos há 50 anos para estudar e praticar a política e a gestão da educação.

Minha sugestão é que continuemos a fazer da Anpae o nosso espaço de educação continuada, nossa arena político-pedagógica, em que todos e cada um de nós somos protagonistas de um esforço coletivo de educação e promoção humana. Esta prática somente foi possível e continua sendo possível graças à abertura político-pedagógica da Associação e ao seu caráter inclusivo. Ela nos oferece uma rica

oportunidade de aprendizagem, de convivência humana e de promoção da cidadania na escola e na sociedade.

Esta foi a preocupação de Paulo Freire em sua "pedagogia dialógica," fundada na ética da convivência humana, que ele defendeu em toda a sua obra, desde a sua *Pedagogia do Oprimido* (1967) até a sua *Pedagogia da Autonomia* (1996). Este foi também o grande ideal de nossos mestres em 1961, ao fundarem a Anpae como espaço de convivência e promoção humana no campo da política e da gestão da educação.

Faço votos que esta seja também a nossa preocupação de hoje, na certeza de que será a melhor maneira de homenagearmos os nossos mestres fundadores. Será uma forma efetiva de continuarmos nossa educação permanente no campo da política e da gestão da educação. Será, enfim, uma forma relevante de contribuirmos para a educação e a formação cidadã, alicerçada nos ideais da liberdade e da justiça social e nos valores culturais que todos prezamos.

Feliz aniversário para todos e todas nós que integramos a família da Anpae!